

RESENHAS CRÍTICAS

Le Goff, Jacques. *La naissance du Purgatoire*. Paris, Gallimard, 1981, 509 p.

Res. por Laura de Mello e Souza

Departamento de História — FFLCH/USP

Desde o período áureo dos *Annales* e dos escritos de Marc Bloch, Febvre e Braudel, responsáveis por novos rumos na historiografia contemporânea, os anglo-saxões vêm empanando o brilho dos mestres franceses. Hobsbawm e Thompson dedicaram estudos clássicos à sociedade pré-industrial e ao mundo da indústria nascente; Wallerstein e Perry Anderson repensaram o absolutismo e a constituição do sistema capitalista, todos eles ilustrando a fecundidade que pode ter a historiografia marxista.

De repente, trazendo o período medieval para o primeiro plano — reivindicando mesmo uma *outra* Idade Média — dois historiadores franceses começaram a publicar trabalhos fascinantes, tributários dos *Annales* e, ao mesmo tempo, extremamente inovadores: Georges Duby e Jacques Le Goff. Este, após ter enveredado, como Duby, pelo caminho de Georges Dumézil e das três ordens características às sociedades indo-européias; após ter reunido em *Pour un Autre Moyen Age* uma série de ensaios luminosos, perseguindo, na longa duração, o nexo comum ao Ocidente Medieval, aparece com uma das obras-primas da historiografia

atual, deslumbrante pela erudição e pelo engenho: *La naissance du Purgatoire*.

Deslumbra porque aponta possibilidades para uma historiografia contemporânea imaginosa, inquieta, que bebe na tradição alemã da história da cultura, que valoriza a etnografia, que se beneficia sem medo e sem pudores da cronologia, da erudição, das edições críticas, que co-teja fontes e, com arrojo, dá novas atribuições a textos. Por exemplo: Le Goff questiona o fato de se atribuírem textos que falam do Purgatório a autores mortos antes de 1170, entre eles Pedro Damiani e São Bernardo, e estabelece que os escritos comumente tidos como destes autores são, na realidade, obra de um célebre falsário da época, Nicolau de Claraval. Maravilha porque, mais de meio século depois, mostra que nem tudo o que Langlois, Seignobos, Ferdinand Lot e sua geração fizeram foi — como disse Febvre, premido pela necessidade de combater e quebrar lanças — uma história de pequenas laçadas, de pequenos pontos, uma história de tapeçaria. Le Goff une a centralização do historicismo a uma formação marxista, cultua a minúcia, o detalhe e, simultaneamente, trabalha com grandes sínteses, debruça-se longamente sobre o discurso erudito, desbasta-o e mostra no que ficou a dever ao popular, mostrando também onde um e outro se imbricaram, se enlaçaram e produziram sistemas novos.

Estudando o Purgatório, Le Goff privilegia um tema no qual a imaginação dos homens tem importância decisiva. Na Idade Média, o mundo imaginário era tão real quanto o mundo das coisas palpáveis e concretas. Muitos não compreenderam este aspecto importante do pensamento medieval: o Padre J. Wébert, comentador de São Tomás de Aquino, estranha a importância dada pelo santo às narrativas de mortos que voltam à terra para contar suas desventuras. Como esclarece Le Goff, a mentalidade comum do século XIII e a literatura medieval das visões se achavam impregnadas de elementos fantásticos, sobrenaturais para nós mas não para um intelectual da época, mesmo aristocrático e elitista como São Tomás. Porisso é que *La naissance du Purgatoire* mostra, mais do que qualquer outro livro, o que seja uma história do imaginário, viva, dinâmica, indispensável: afinal de contas, diz Le Goff, “a razão se alimenta de imagens” (p. 486).

O livro se inicia com uma introdução brilhante — “O terceiro lugar”, denominação dada por Lutero ao Purgatório — e se desenrola em três partes: “Os Além antes do Purgatório”, “O século XII: nascimento do Purgatório” e “O triunfo do Purgatório”; fechando, um capítulo conclusivo: “A razão do Purgatório”. A preocupação básica do autor é detectar a construção gradativa mas nem sempre linear de um sistema

do Além que, binário com Santo Agostinho, vai aos poucos adquirindo feição tripartida, o esquema bem/mal, Céu/Inferno cedendo lugar à trindade Inferno/Purgatório/Paraíso, a categoria dos medianamente bons ou maus se insinuando, abrindo lugar entre os absolutamente puros que ganham o reino dos Céus e os absolutamente maus fadados a arder eternamente nas profundezas do Inferno.

Neste sistema do Além, o destaque é pois dado à constituição do Purgatório, elemento complexo que, sintomaticamente, surgiu por último, dependente das concepções mais acabadas de Céu e Inferno que integravam, desde a Antiguidade e sob múltiplas roupagens, as construções dualistas do universo após a morte. Não se pense entretanto que Le Goff privilegia o polo teológico da questão, escrevendo mais um livro árido e recheado de discussões dos doutores da Igreja. O Purgatório é o objeto privilegiado de estudo, mas nas relações dinâmicas, intrincadas com o conjunto da formação social que a Idade Média engendrou brilhantemente a partir do século XII: portanto, visto como uma das peças do grande despertar da Europa, da notável eclosão da cristandade ocidental, do seu esforço reorganizatório.

De imediato, surge uma diferença fundamental com relação ao enfoque teológico: este se atém ao Purgatório como *estado* — conforme sanção sucessivos concílios — e Le Goff se volta para o Purgatório-*lugar*. Discorre sobre as várias, nem sempre consecutivas, concepções de um modo de se purgarem as penas — primeiro, gelo e fogo, verdadeira “ducha escocesa” probatória; depois, fogo apenas — mas sua maior preocupação é detectar a construção de um espaço específico, ocorrida em fins do século XII. Para ele, o melhor de todos os “teólogos” no enfoque do tema é Dante Alighieri, formulador definitivo da espacialização do Purgatório na imagem de uma montanha terrena, concêntrica, ascendente, voltada para o Céu estrelado.

Antes de se cristalizar na montanha da *Divina Comédia*, o Purgatório flutuou muito na geografia imaginária medieval. Esteve nos vulcões sicilianos, esteve na Irlanda, onde ganhou peso literário com o “Purgatório de São Patrício” — texto do monge cisterciense H. de Saltrey e que constitui a primeira referência literária ao tema — e se tornou, desde fins do século XII, um local de peregrinação: um buraco que daria acesso ao Purgatório, em Sation Island, no condado de Donegal. Essa imprecisão secular está diretamente ligada à sua complexidade: conceber algo como o Purgatório requeria novas concepções de espaço e tempo; relacionar Terra e Além implicava numa espacialização do pensamento que, lidando com estruturas matemáticas, deixasse de lado as antigas concepções dualistas e criasse esquemas lógicos ternários nos

quais a noção de intermediário passase a ter papel fundamental. Foi assim que, entre guerreiros e sacerdotes, a nova concepção da sociedade de ordens introduziu os trabalhadores; entre o Céu e o Inferno, o sistema de Além se completou com o espaço Purgatório. Até então adjetivo, o Purgatório se substantivou, a linguagem se tornando um dos indícios acusadores dessa complexa operação: não foi simples “passar de dois a três quando o sistema binário era hábito secular” (p. 301).

Mas, como tantos outros intermediários medievais, o Purgatório seria descentrado e oscilaria entre um polo positivo, risonho, tributário de concepções do Além, e um polo negativo, sombrio, derivado da literatura apocalíptica judaico-cristã. Em Dante, é o polo risonho que triunfa — intermediário ativo, orientando para o Céu; cônica da magnífica arma política que tinha nas mãos, a Igreja se empenharia na vitória do polo oposto, infernalizando o Purgatório através de uma “pastoral do medo”. Mesmo assim, a esperança era possível: o Purgatório da Igreja se insere na reconsideração geral das estruturas temporais da época, combina tempo escatológico e tempo terrestre e relaciona tempo desiguais e diferentes sob as feições de um *inferno com duração determinada*. E aqui, uma novidade: harmonizando tradições eruditas e populares, o Purgatório triunfante realizará uma inversão no tocante ao tempo do Além tal como aparece no folclore, em geral o executor por excelência do ato de imaginar o mundo ao contrário. Na tradição folclórica, os anos se passavam como se fossem dias; no Purgatório infernalizado, o horror dos castigos fará com que os dias escoados pareçam anos intermináveis.

Para refazer o longo percurso de constituição desse sistema, Le Goff se volta para as antigas concepções do Além, destacando a tendência infernalizadora do imaginário egípcio, a importância do Apocalipse de Paulo e dos escritos dos teólogos gregos de Alexandria, mostrando que Santo Agostinho (séculos IV-V) e Gregório Magno (século VII) correspondem a dois momentos decisivos neste processo. Entre os séculos VIII e X, estende-se um período de estagnação no qual, apesar da liturgia criar, em Cluny, um dia para comemorar os mortos que necessitam dos sufrágios dos vivos, pouco progrediu o esboço do Purgatório como lugar. Integrando o grande movimento de organização da cristandade desencadeado a partir de fins do século XII, os intelectuais das universidades e dos mosteiros procuraram sistematizar o saber: surgiram então contribuições decisivas para a noção de Purgatório, destacando-se as de Guilherme de Auvergne e Alberto Magno. Este último é notável pela sensibilidade especial que denota ante o empírico — característica que Le Goff considera de extrema importância e lamenta não estar presente em espíritos “altivos” como Santo Agostinho e São Tomás; sua grandeza

reside na capacidade de organizar em um sistema as crenças comuns, a exuberância do imaginário medieval, a teologia e a lógica.

Nascida no meio monástico — Cluny — e nos meios universitários parisienses — especialmente, a Escola do Capítulo de Notre Dame — a noção acabada de Purgatório passará a ser, no século XIII, uma exigência das massas: povoará as pastorais, os testamentos, a literatura em língua vulgar — como a *Legenda Áurea*, de Jacopo da Varazze — ganhará uma santa especializada na libertação das almas do Purgatório — Santa Lutgarda. Contemporâneo do desenvolvimento urbano, do aumento das superfícies cultivadas, do surgimento da escolástica, da expansão geográfica da cristandade ocidental, da transformação das relações sociais, da eclosão de novos esquemas descritivos e normativos da sociedade, voltados também para o aprisionamento do Além, o Purgatório permitiu que os mortos participassem do enquadramento geral da sociedade, conferindo à fase final da existência terrestre um misto de temor e de esperança. Pensando nele, diria Santa Catarina de Gênova: “Que grande coisa, o Purgatório!”